



| | | |
|--|---------------------------------|------------------------------|
| <p>Sábado</p> <p>21-04-2016</p> | <p>Periodicidade: Semanal</p> | <p>Temática: Justiça</p> |
| | <p>Classe: Informação Geral</p> | <p>Dimensão: 6522</p> |
| | <p>Âmbito: Nacional</p> | <p>Imagem: S/Cor</p> |
| | <p>Tiragem: 116250</p> | <p>Página (s): 1/38 a 52</p> |



GRÁTIS: GUIA DE BERLIM
SEGUNDO MINILIVRO DA COLEÇÃO
DE 6 OFERECE-LHE €500 PARA VIAJAR

SÁBADO

www.sabado.pt N.º 625 - 21 A 27 DE ABRIL DE 2016 - €3 (CONT.)



CORRUPÇÃO NA PJ

Todos os esquemas, 35 polícias suspeitos e milhões desviados

EXCLUSIVO: Juiz Carlos Alexandre fala em “lamaçal”. O caso foi denunciado por um ex-inspector que se tornou traficante. Um cartel colombiano ameaçou-o de morte depois de desaparecerem 800 quilos de cocaína entre bananas e ananases. Saiba tudo sobre o submundo em que agentes e criminosos almoçam juntos



Autora do impeachment no Brasil
Janaína Paschoal: fé em Deus e no candomblé e ódio a Dilma



Gustavo Santos volta aos tops
“Precisava de estar com mulheres. Na minha cabeça eu não valia nada”

Sábado

21-04-2016

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 116250

Temática: Justiça

Dimensão: 6522

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/38 a 52

OPERAÇÃO AQUILES. TODAS AS SUSPEITAS QUE LEVARAM À DETENÇÃO DE DOIS HISTÓRICOS DA PJ

A CORRUPÇÃO NA POLÍCIA

Carlos Alexandre quer esclarecer o “lamaçal” instalado na Judiciária, um submundo onde polícias e criminosos mantêm relações próximas e que já levaram o próprio juiz e um procurador a serem testemunhas abonatórias de um dos maiores traficantes portugueses. Há dezenas de inspectores sob suspeita e 800 quilos de cocaína desaparecidos num negócio de muitos milhões de euros. Por **António José Vilela** e **Numo Tiago Pinto**/Ilustração **Alex Gozblau**



Sábado

21-04-2016

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 116250

Temática: Justiça

Dimensão: 6522

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/38 a 52



A maratona de interrogatórios durou sete dias. O juiz de instrução Carlos Alexandre tinha acabado de ouvir 13 alegados traficantes de droga e dois polícias corruptos e decidiu registar um desabafo na documentação em que justificaria a prisão preventiva, a 13 deste mês, de uma boa parte daqueles que tinham passado pelo seu gabinete. Disse esperar que os indícios já recolhidos no inquérito viessem a permitir “desmantelar (...) mais este lamacal”. Pródigo em apartes e declarações contundentes, o magistrado deu também a entender que a investigação às relações perigosas entre traficantes e inspetores da Polícia Judiciária (PJ) está longe do fim. Há “intervinentes” que ainda não foram “interpelados”.

Baptizado como operação Aquiles, o processo-crime iniciado em Setembro de 2013 a partir de uma denúncia de um antigo inspetor da PJ inclui para já 15 detidos, num total de 29 suspeitos. Além disso, os do-

As defesas do inspetor chefe Ricardo Macedo e do ex-coordenador Dias Santos dizem que os clientes estão a ser perseguidos

O ANÃO SAIU DA PRISÃO COM A AJUDA DE CARLOS ALEXANDRE E VÍTOR MAGALHÃES

cumentos judiciais a que a **SÁBADO** teve acesso citam inúmeros inquéritos antigos e dezenas de nomes ligados a toneladas de droga apreendidas ao longo de anos pela Judiciária com a participação de agentes infiltrados e o auxílio de informações dadas por traficantes de droga. Referem ainda criminosos famosos como Franclim Pereira Lobo e o filho “Chiquinho” Lobo, Vítor Leocádio e José Coelho, conhecido como Anão. Este último conseguiu mesmo, em 2010, sair da cadeia em liberdade condicional depois de cumprir metade de uma pena de 20 anos de prisão a que tinha sido condenado em Espanha, com os testemunhos abonatórios do próprio juiz Carlos Alexandre e do procurador Vítor Magalhães. Três anos depois, foi baleado com sete tiros quando saía de casa em Carnaxide, no concelho de Oeiras. Ficou paraplégico.

As primeiras denúncias deste intrincado caso surgiram em 2006, mas só anos depois é que os vários inquéritos – cuja consulta a **SÁBADO** solicitou ao Departamento

Sábado

21-04-2016

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 116250

Temática: Justiça

Dimensão: 6522

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/38 a 52



Destaque
 Central de Investigação e Acção Penal (DCIAP), sem obter qualquer resposta – passaram a estar centrados por ordem do director nacional da Judiciária, Almeida Rodrigues, numa equipa especial dirigida por Pedro Fonseca

Os estados de alma do juiz

Durante os interrogatórios dos suspeitos Carlos Alexandre mandou vários recados

“Vive-se um período de grande dificuldade para acautelar a incommunicabilidade face às deficientes condições de trabalho no TCIC [Tribunal Central de Instrução Criminal]

“O signatário facultou o seu gabinete pois nele não tem qualquer processo, livro, *dossier*, sequer esferográfica pessoal, porque não tem condições para acautelar o que aí deixe”

“Como interpretar as coincidências nas saídas de verbas de Marnero Lemos [alegado traficante detido] com as entradas nas contas de Dias Santos? [Ex-coordenador da PJ]

“Nada tem no computador que lhe está distribuído no gabinete, em termos de processado”

“Há muito por esclarecer neste ‘lamaçal’, mas de certeza que não são só coincidências

“Interroga-se como interpretar um ajuntador de notas, como interpretar um enteado que tem uma versão sobre um saco de diamantes, enquanto a madrinha tem uma versão apenas sobre um saco de ouro que venderam numa ourivesaria, lá em Castelo Branco?”

A
 O juiz Carlos Alexandre ouviu António Benvinda para memória futura

GNR amigo

O cabo José Silva foi detido, mas há mais de 20 anos que é conhecida a sua colaboração com a PJ no combate ao tráfico de droga

O EX-PJ E TRAFICANTE ANTÓNIO BENVINDA DENUNCIOU ANTIGOS COLEGAS EM AGOSTO DE 2013

na Unidade Nacional de Combate à Corrupção (UNCC). O objectivo é limpar a PJ das suspeitas relacionadas com as operações de combate ao tráfico de droga que, nos últimos anos, já levaram o DCIAP e o juiz Carlos Alexandre a reduzirem ao mínimo as autorizações de infiltrados.

As anulações de vários processos nos tribunais superiores devido a ilegalidades cometidas por polícias ou colaboradores também fizeram os magistrados perceber que lidam com um verdadeiro submundo em que polícias e traficantes mantêm ligações próximas que parecem ultrapassar a fronteira entre o legal e o ilegal.

As investigações em curso estão sob a tutela dos procuradores João Melo e Vítor Magalhães – os mesmos que autorizaram e deveriam controlar (juntamente com o juiz Carlos Alexandre) o desenrolar de dezenas de acções encobertas na última década. No entanto, acabou por ser a já referida denúncia de um traficante, também ele antigo inspector do sector do banditismo e da moeda falsa da PJ, que deu início a uma das mais recentes operações a 7 de Abril deteve os 15 homens.

O inquérito, que incorporou várias outras investigações relacionadas com corrupção de polícias e tráfico de droga (umas já arquivadas outras ainda a decorrer), está focado em dois históricos da Judiciária: o coordenador já reformado Carlos Dias Santos e o inspector-chefe Ricardo Macedo que, ao longo dos anos, se destacaram, justamente, pelas inúmeras apreensões de estupefacientes.

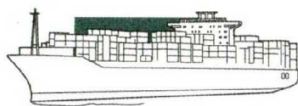
Ameaçado de morte

Nenhum dos dois foi surpreendido. Há três anos que sabiam estar sob investigação (Dias Santos tinha sido constituído arguido num outro inquérito integrado neste processo). E há mais de uma década que ambos constavam em várias denúncias anónimas como peças de um complexo *puzzle* que envolverá dezenas de investigadores e traficantes num jogo de troca de informações e operações encobertas que permite a alguns criminosos continuarem em actividade e beneficiará financeiramente os inspectores que com eles lidam. Uma relação que também tem permitido à própria Judiciária apresentar em público avultadas apreensões de cocaína e haxixe.

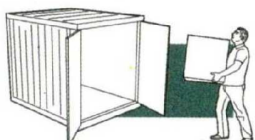
Segundo os documentos judiciais a que a SÁBADO teve acesso, a denúncia que levou à operação Aquiles

Os quatro métodos do tráfico internacional

As polícias já sabem há muito como é transportada a droga. O problema é apanhá-la



1. "Filho com pai registado"
 Importação legal de mercadorias (fruta) por via marítima, que depois de desalfandegadas são entregues à empresa controlada pelos traficantes.



2. "Rip off" ou "barriga de aluguer"
 Colocação de droga em contentores com mercadorias sem o conhecimento do legítimo proprietário. A droga é depois retirada e o contentor selado como originalmente.



3. As "mulas de transporte"
 Envio de pequenas quantidades de droga por via aérea, normalmente em malas de viagem transportadas por pessoas contratadas para isso.



4. O voo dissimulado
 A droga é escondida na estrutura do avião por pessoal ligado aos serviços do local de partida. No destino é retirada e entregue aos traficantes.

Fonte Despacho de indicição do NUIPC 93/130JELSB, de 13 de Abril de 2016

R.S.

deu entrada na PJ a 28 de Agosto de 2013 e foi escrita por António Joaquim Sesifredo Benvinda. Este ex-inspector da PJ estaria então a ser ameaçado de morte por elementos de um cartel colombiano, depois de três carregamentos de cocaína enviados para a Europa no Verão desse ano não terem chegado ao destino. Ou porque foram apreendidos pelas autoridades, ou porque, simplesmente, desapareceram.

Conhecido por "família" e liderado por um indivíduo referido apenas como "Papi", o cartel desconfiava que António Benvinda poderia tê-los enganado. E as ameaças ter-se-ão estendido às suas filhas e à sua irmã, a juíza Isabel Sesifredo, que presidiu à Comissão de Aplicação de Coimas em Matéria Económica e de Publicidade e é a actual tesoureira da direcção da Associação Portuguesa de Mulheres Juristas.

Benvinda decidiu contar tudo às autoridades, incluindo o alegado envolvimento com redes de tráfico do inspector-chefe Ricardo Macedo e do antigo coordenador Dias Santos. Entregou às autoridades os telemóveis que continham os SMS ameaçadores, pediu protecção para a família e a entrada no programa de protecção de testemunhas – o que aconteceu depois de ter prestado depoimento para memória futura durante quatro horas perante Carlos Alexandre.

Segundo relatou, em meados de Maio de 2013 foi contactado por António Ponte (comerciante de automóveis, também agora detido) que lhe pediu para falar com dois ingleses que estavam acompanhados por um indivíduo chamado João Freitas (que não foi preso). Os três queriam saber se um contentor que deveria chegar ao Porto de Sines era considerado suspeito ou estaria a ser vigiado pelas autoridades. Os registos oficiais diziam que a carga era ananás enlatado originário do Panamá. Mas no interior estariam dissimulados 295 quilos de cocaína.

Os três homens deram-lhe um

A PJ NÃO ENCONTROU 800 QUILOS COCAÍNA: OS TRAFICANTES TERÃO SIDO AVISADOS

O alegado traficante Jorge Manero tem o 12.º ano e frequentou cursos "técnicos profissionais de Educação Física"

papel com a identificação do contentor e do navio a bordo do qual ele viajava, o MSC Lausanne, que deveria aportar em Portugal a 2 de Junho desse ano. Segundo contou, foi então falar com o amigo Dias Santos, já reformado depois de uma longa carreira em que se tornou num dos polícias com mais apreensões no currículo e em que deteve traficantes e informadores policiais como Franclim Lobo e Sebastião de Sousa, conhecido por "Zé Saloio". O ex-coordenador ter-lhe-á pedido alguns dias para obter as informações.

Vários desaparecimentos de droga

Para comunicarem em segurança, adquiriram dois telemóveis para serem usados apenas com aquele fim, segundo consta no despacho de indicição a que a

SÁBADO teve acesso. Alguns dias depois, o antigo coordenador informou-o que não tinha conseguido saber nada porque Ricardo Macedo estaria ausente. Benvinda passou então essa informação a João Freitas, o representante da organização colombiana, e aos dois ingleses que pertenciam ao grupo que ia comprar o carregamento de cocaína.

Contudo, de acordo com o relato de Benvinda, Dias Santos acabou por o informar que tinha conseguido falar com Ricardo Macedo e que este poderia tentar que o contentor não fosse fiscalizado.

Em troca queriam 15 por cento do valor da cocaína. No entanto, a 4 de Junho de 2013, o contentor foi apreendido por uma equipa liderada pelo inspector-chefe da Polícia Judiciária Vítor Ananias, numa operação coordenada, justamente, por Ricardo Macedo. Lá dentro estavam 750 latas de ananás acondicionadas em 10 paletes. Contudo, oito dessas paletes



estavam abertas e faltavam caixas. No chão do contentor estavam dois selos partidos. Em desespero, os inspectores ainda abriram várias latas, mas da droga, nem sinal.

O inquérito acabou por ser arquivado, mas a história continuou a desenrolar-se na rua. Os ingleses quiseram saber o que tinha acontecido. Tal como os colombianos, que ficaram convencidos de que a cocaína tinha sido roubada. E António Benvinda, que foi o único a ter acesso antecipado à identificação dos contentores, tornou-se o alvo principal – uma suspeita que várias fontes da PJ contactadas pela SÁBADO, e que conhecem o ex-colega há largos anos, acham que poderá fazer sentido.

Acossado pelos traficantes, o antigo inspector terá ainda levantado a hipótese de terem sido enganados por Ricardo Macedo, mas foi informado de que a rede conhecia o inspector-chefe da PJ e que “confiava nele”.

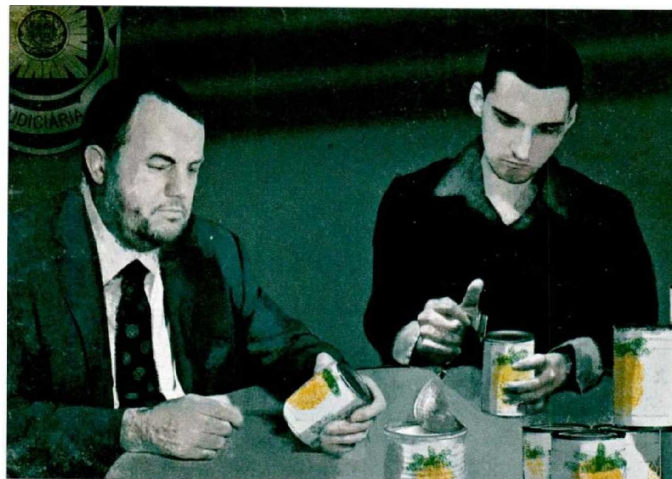
À medida que a investigação do caso de corrupção se desenrolava, os procuradores do Ministério Público (MP) e a equipa especial da PJ perceberam que havia mais situações estranhas em inquéritos que decorreram na Unidade Nacional de Combate ao Tráfico de Estupefacientes (UNCTE). Um deles dizia respeito a um novo desaparecimento de cocaína. Droga que provinha da mesma organização liderada por “Papi” e que envolveria, novamente, Dias Santos e Ricardo Macedo.

A investigação tinha começado a 20 de Maio de 2013, depois de a PJ receber informações de que uma organização internacional se preparava para introduzir uma elevada quantidade de droga em Portugal, através da importação legal de mercadorias. O esquema estaria em andamento há algum tempo, coordenado a partir de Espanha. Mas a informação recebida pela Judiciária

O mistério dos telemóveis

Aparelhos dos traficantes foram roubados das instalações da PJ por uma empregada

Os telemóveis com as mensagens trocadas entre traficantes estavam na Unidade de Telecomunicações e Informática da PJ para análise quando foram furtados a 29 de Outubro. Os inspectores desconfiaram, mas os aparelhos foram localizados pela PJ e recuperados a 9 de Dezembro em casa **da empregada da limpeza que os levou. Ela e o companheiro foram detidos e interrogados.** As suspeitas de que o furto tinha sido feito “possivelmente a mando de alguém” adensaram-se quando a mulher contratou uma advogada apesar de “não ter condições financeiras para o fazer”. Só faltou explicar porque é que ninguém mexeu nos aparelhos durante mais de um mês e meio.



Os inspectores da PJ ainda abriram as latas de ananás, mas não encontraram a cocaína transportada de barco

O polícia pobre

No tribunal foi dito que Dias Santos era um homem pobre e sem meios: ele e a mulher ganham 4.100 euros mensais

VÁRIOS ELEMENTOS DO CARTEL COLOMBIANO VIERAM A PORTUGAL À PROCURA DA DROGA DESAPARECIDA

era tão boa que o inquérito iniciou-se um dia antes de a empresa que ia fazer a importação estar constituída. De acordo com a versão dos documentos judiciais a que a SÁBADO teve acesso, a Framboês Original, Unipessoal, Lda., foi criada a 21 de Maio, em nome de João Abreu (detido), para importar paletes de fruta através da empresa Eurofrutas e criar um histórico que impedisse suspeitas. Em Julho, o grupo já esperaria a chegada de 500 quilos de cocaína dissimulada num carregamento de bananas que deveria chegar a bordo do navio Cala Pula e seria enviado para o armazém da importadora Eurofrutas, em Alverca do Ribatejo.

Para localizar as paletes, o grupo tinha dado os números daquelas que trariam a droga a um funcionário do armazém que com eles colaborava. No entanto, durante vários dias, o cúmplice não as conseguiu encontrar. Quando lhes disse que tinha identificado uma – erradamente – os seus responsáveis apressaram-se a levantar a encomenda. Depois levaram-na para o armazém que tinham alugado em Alhandra onde, a 15 de Julho de 2013, foram presos pela Polícia Judiciária. Os inspectores apreenderam vários sacos de viagem, telemóveis e duas carrinhas modificadas: tinham um fundo falso, com gavetões deslizantes, em aço inoxidável, que iriam transportar a cocaína de Portugal para Espanha. Nenhuma droga foi encontrada.

Outro navio com bananas

Ainda incrédulos, os inspectores descobriram então que, nesse momento, estava no mar um outro navio, o Cala Pedra, que trazia um novo carregamento de bananas com a mesma origem. Apesar de suspeitarem que a droga podia estar aí dissimulada, a confusão estava mais uma vez lançada para polícias e traficantes. Para a organização colombiana, tratava-se de um novo revés. Era o segundo carregamento de cocaína que desaparecia no espaço de um mês e o grupo decidiu enviar a Portugal um representante para descobrir o que se tinha passado e tentar recuperar a droga que, então, já seguia em alto mar. Desta vez, o escolhido terá sido o português Manuel Batista que, de acordo com o Ministério Público, saberia que Dias Santos e Ricardo Macedo eram conhecidos por aceitarem dar

Sábado

21-04-2016

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 116250

Temática: Justiça

Dimensão: 6522

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/38 a 52

informações confidenciais sobre investigações em troca de dinheiro.

Para isso contactou Jorge Monteiro, um empresário conhecido há largos anos na PJ por alegadas ligações ao tráfico de droga e também por ser informador da UNCTE e com acesso directo e até público a Dias Santos: os dois homens são amigos e vizinhos num condomínio no concelho de Cascais. Para chegar a Ricardo Macedo, os alegados traficantes portugueses, que mais tarde acabaram por se tornar colaboradores da PJ na investigação que incriminou os dois altos quadros da Judiciária, usaram inicialmente outro informador da PJ: Pedro Lérias, conhecido como Gordo.

Terá sido este quem, a partir de 13 de Junho de 2013, começou a pedir a Jorge Monteiro dinheiro para que alegadamente Macedo retirasse a cocaína que vinha a bordo do navio Cala Pedra e descobrir o que tinha acontecido ao segundo carregamento desaparecido de droga. Até Agosto, terá recebido três pagamentos e um total de 45 mil euros, segundo contaram à PJ, sendo que a maior parte do dinheiro seria para o inspector. Há dois anos, Macedo disse a **SÁBADO** que nunca recebeu qualquer valor e reiterou isso no interrogatório com o juiz Carlos Alexandre.

Ao longo de vários dias, os traficantes trocaram inúmeras mensagens escritas com referências a Ricardo Macedo. Algumas indicavam que a agência norte-americana Drug Enforcement Agency (DEA) estava atenta a um carregamento de bananas que acabou por chegar à Grécia e onde foram apreendidos quase 500 quilos de cocaína – seria essa a droga desaparecida. Outras davam conta de um aviso aos traficantes para não se deslocarem ao armazém da Eurofrutas, caso contrário seriam detidos. A equipa especial da PJ acredita que terá sido Macedo a aceder aos dados da DEA e a avisar os traficantes. Nesse dia, 22 de Julho, a Judiciária acompanhou o desembarque das paletes e encontrou, dissimulados entre as bananas, 811 quilos de cocaína, cuja apreensão anunciou publicamente como uma das maiores de sempre.

Após esta apreensão, e ainda segundo o que consta no processo por corrupção, os elementos da organização quiseram saber se poderiam confiar realmente em Ricardo Macedo para futuros transportes de cocaína. Mas como suspeitavam do intermediário Pedro Lérias, voltaram-se para o antigo coordenador de Macedo na UNCTE, Dias Santos. Segundo as mensagens interceptadas aos traficantes pela Judiciária, Santos terá falado sobre o assunto com Ricardo Macedo, mas este garantiu-lhe não ter recebido dinheiro nenhum.

Já em Setembro desse ano, Jorge Monteiro e Manuel Batista referiram que “os dois amigos” tinham tido “problemas muito feios” porque “houve uma denúncia”, o que para o Ministério Público não merece dúvidas: tratava-se da denúncia de António Benvinda, que rapidamente se tornou conhecida nos sectores da droga e do combate ao terrorismo da PJ. Além disso, no despacho de indicição, não surgem escutas ou mensagens directas entre Dias Santos ou Ricardo Macedo e os



A Judiciária apanhou droga dissimulada no meio de bananas chegadas a Portugal

traficantes detidos. Mas os seus nomes são referidos indirectamente pelos membros da organização – factos que Jorge Monteiro e Manuel Batista confirmaram no interrogatório perante o juiz Carlos Alexandre.

Um gigantesco esquema

Nos últimos anos, o juiz do Tribunal Central de Instrução Criminal (TCIC) autorizou várias escutas telefónicas e a quebra do sigilo bancário a polícias com alegadas ligações a traficantes de drogas. E, em encontros e reuniões com altos quadros da PJ e do Ministério Público, desabafou que estava bastante preocupado com as denúncias e as notícias da **SÁBADO** sobre as suspeitas que envolveriam traficantes e investigadores dos departamentos de combate à droga da PJ – “um enorme ponto de interrogação”, disse numa das ocasiões –, sobretudo a UNCTE e a Unidade de Prevenção e Apoio Tecnológico (UPAT), o sector dos agentes encobertos e infiltrados. Os dois departamentos travaram nos últimos anos uma guerra discreta pelo controlo das fontes de informação no tráfico de droga, registando-se até casos em que inspectores estiveram a vigiar colegas em operações.

As sucessivas delações só vieram agravar ainda mais a situação. Um alto responsável da PJ classificou de forma pragmática à **SÁBADO** o que poderia estar na origem das denúncias: “Ou há corrupção, ou ajustes de contas internos motivados por incompatibilidades ou trata-se de vinganças de traficantes presos pela PJ. Ou um pouco de tudo.” Sejam quais forem as razões, certo é que já são várias as denúncias que chegaram à Direcção Nacional da PJ e ao Ministério Público. As primeiras suspeitas apontam para actos de corrupção e de tráfico de droga durante ou após investigações decorridas entre 2002 e 2006, nomeadamente visando acções encobertas – operações sigilosas cujo expediente é do conhecimento só da PJ e da magistratura judicial e do MP.

As operações suspeitas incidem sobre carregamentos de droga de e para Espanha, Marrocos, Holanda e até Suriname. No total, são toneladas de haxixe, heroína e cocaína alegadamente compradas e vendidas por inspectores e agentes encobertos em investigações e em colaboração estreita com traficantes, informadores e colaboradores da PJ. Citados nas denún-

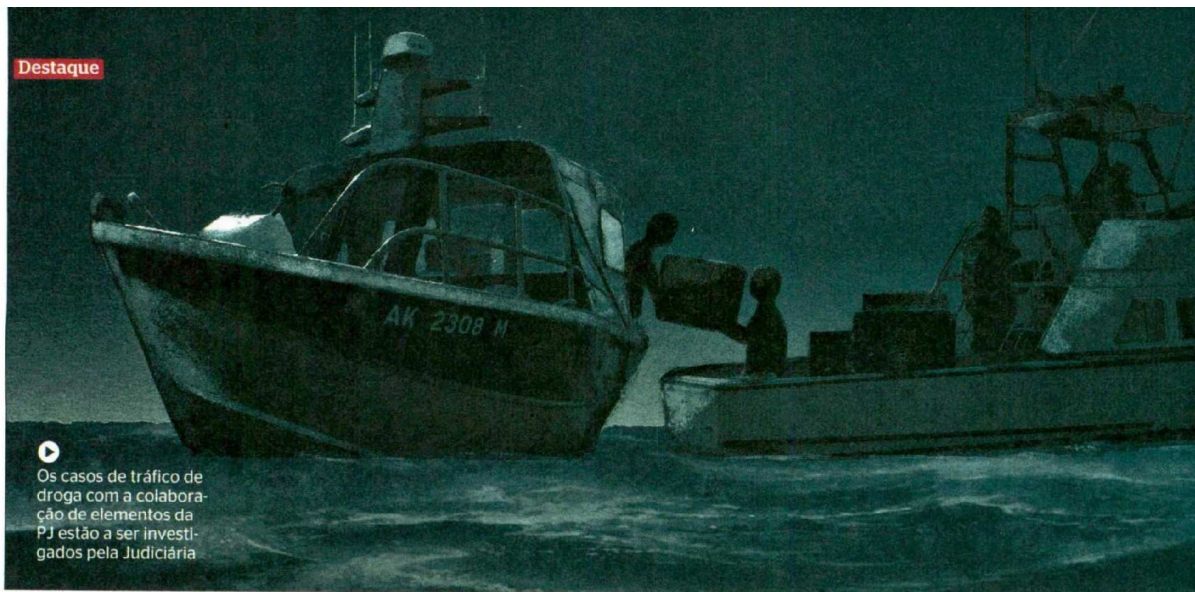
Processos há 10 anos

As primeiras denúncias sobre corrupção na PJ relacionadas com tráfico de droga surgiram em finais de 2006

Códigos e escutas

No processo, o Ministério Público diz que os traficantes tratavam o inspector Ricardo Macedo por “amigo do peito”

SÃO TONELADAS DE DROGA ALEGADAMENTE COMPRADAS E VENDIDAS POR INSPECTORES, INFILTRADOS E TRAFICANTES



Destaque

Os casos de tráfico de droga com a colaboração de elementos da PJ estão a ser investigados pela Judiciária

cias estão, além da verdadeira identidade, as alumnhas de colaboradores da PJ como Joazinho de Portimão, Jacaré, Sueco, Grego e Carlos Bagaço. Todos farão parte de um gigantesco esquema que já teria levado ao enriquecimento ilícito de vários polícias e ao desaparecimento de toneladas de droga e milhões de euros pertença das redes de traficantes. Nos documentos consultados pela **SÁBADO**, são citados pelo menos 35 inspectores, inspectores-chefes, coordenadores e coordenadores superiores da PJ. Muitos estão já reformados e outros já morreram. A própria magistrada que abriu esta caixa de pandora, Manuela Rego, também já faleceu.

A investigação começou há quase 10 anos. Numa primeira fase, fez-se o levantamento dos bens e a quebra do sigilo bancário de mais de 20 inspectores. Além disso, o MP passou a recolher e a analisar dezenas de processos-crime suspeitos, que estavam espalhados por várias comarcas do País, escutas telefónicas e os respectivos relatórios confidenciais das acções encobertas. Muitas destas acções foram realizadas precisamente sob a tutela do DCIAP.

Depois, o plano de investigação incluiu a audição de dezenas de pessoas, entre responsáveis de departamentos da PJ e equipas, agentes infiltrados, traficantes a cumprir penas de prisão e colaboradores da PJ. Al-

Os infiltrados

A PJ paga a traficantes colaboradores para apreender droga. E até chega a descarregar a cocaína e a guardá-la antes das detenções

O CABECILHA DOS TRAFICANTES TERIA PROMETIDO 1 MILHÃO DE EUROS AO PJ CAETANO

guns destes traficantes foram visitados nas prisões, em Portugal e no estrangeiro (sobretudo em Espanha), por elementos da equipa especial da PJ que investiga todos estes casos.

A mochila misteriosa

Uma das situações mais melindrosas está na denúncia que chegou à Direcção da PJ e ao MP e que visa o alegado desaparecimento de uma mochila com 1 milhão de euros durante aquela que é uma das maiores apreensões de cocaína da história da PJ: 336 fardos num total de oito toneladas. Em causa está a Acção Encoberta nº 19/2005 – operação Natal –, que terminou a 17 de Fevereiro de 2006 depois de um trabalho conjunto entre a PJ de Portimão e os agentes infiltrados e traficantes colaboradores da UPAT, departamento dirigido ainda hoje por João Carreira.

Na acção encoberta confidencial, cujo relatório a **SÁBADO** analisou, não é feita qualquer referência ao desaparecimento de dinheiro ou droga durante a operação. O montante 1 milhão de euros só é mencionado (sem a referência a qualquer mochila) em dois relatórios parcelares dos agentes infiltrados da PJ. Carvalho e Carneiro (nomes de código) escreveram a 1 de Fevereiro de 2005 que Pepe (o espanhol que viria a escapar já no fim da operação e que era o alegado cabecilha dos traficantes) teria

Um tema tratado pela **SÁBADO** há uma década

O processo que investiga os inspectores refere os trabalhos da revista sobre as relações entre polícias e traficantes



Março de 2014
Ameaçado por colombianos
 Um ex-polícia tornado traficante acusou antigos colegas



Janeiro de 2009
Denúncia anónima
 Dezenas de inspectores foram acusados de tráfico



Junho de 2007
Franclim Lobo
 A primeira entrevista do alegado traficante após a libertação

prometido ao PJ Caetano (nome de código) 1 milhão de euros em dinheiro por este lhe ter arranjado um circuito alternativo para descarregar a droga em Portugal.

Curiosamente, este caso é contemporâneo de uma informação de serviço assinada pelo director dos infiltrados. Em Outubro de 2006, João Carreira informou a hierarquia da PJ e o MP que Dias Santos – estando ainda em funções e sendo responsável pelo sector que mais drogas apreendia na Judiciária – estaria a fornecer informações sobre a “existência e a evolução de um processo relacionado com o tráfico de droga”. Esta referência consta no recente despacho de indicição do TCIC sem qualquer referência ao caso concreto, com o documento judicial a salientar apenas que a informação tinha sido recolhida junto de um colaborador designado Asa e que Dias Santos mantinha relações muito próximas com um alegado traficante: Jorge Manero.

Dez anos depois, os investigadores estão convencidos de que Dias Santos é corrupto pelo menos desde 17 de Maio de 2001 e que Ricardo Macedo começou a ser pago por traficantes desde que foi colocado na UNCTE (fez lá quase toda a carreira). Resumindo: os dois “recebiam dinheiro em troca de tal colaboração, como se de uma avença se tratasse, exigindo pagamentos por cada informação que transmitiam sobre o curso de actividades de investigação da PJ, na área do combate ao narcotráfico”, é dito na longa indicição de 212 páginas.

Sucessivos fracassos

Tendo Carlos Dias Santos como um dos principais suspeitos, os procuradores do DCIAP viram à lupa outros inquéritos em que ele tivesse sido visado ou referido como tendo ligações a traficantes de droga. Um dos mais co-



A EX-MULHER DO ALEGADO TRAFICANTE JORGE MANERO DENUNCIU-O ÀS AUTORIDADES EM 2008

Dinheiro escondido

Ministério Público garante que o ex-coordenador da PJ Dias Santos não declarou 90 mil euros

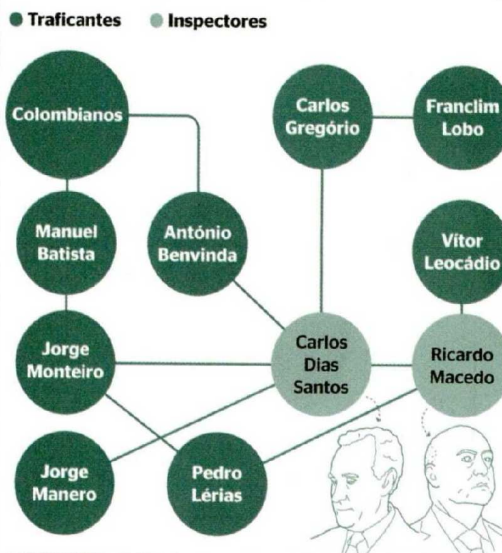
Barcos do tráfico

Uma das denúncias identificou até as embarcações de traficantes colaboradores que a PJ usou para as apreensões

Um dos processos investigado é o caso de uma mochila com 1 milhão de euros desaparecida numa operação

A teia de relações perigosas

Os investigadores da operação Aquiles identificaram ligações suspeitas entre inspectores da PJ e alegados traficantes de droga



Fonte Despacho de indicição do NUIPC 93/13.01.EJLSB, de 13 de Abril de 2016 F.R.

nhecidos tinha tido origem numa denúncia feita em 2008 por uma antiga companheira do empresário Jorge Manero, considerado pela PJ um dos mais antigos e poderosos traficantes portugueses. Pelo menos nos últimos 25 anos, o discreto empresário e ex-professor de squash que diz hoje viver com uma pensão de viuvez de 413 euros – terá cerca de 60 anos – tem sido um dos alvos predilectos da UNCTE: já foi vigiado de perto em perseguições a pé e de carro, filmado e fotografado, seguido por aparelhos de localização electrónicos e ouvido em escutas telefónicas. Mas escapou (quase) sempre.

No último instante, quando estavam a ser tratados os pormenores dos carregamentos de droga, as operações da PJ falhavam sucessivamente, com os inspectores a desconfiarem que o alvo descobrira mais uma vez que estava a ser vigiado. Em 2014, em plena investigação destes casos de corrupção, o próprio DCIAP arquivou mais um processo-crime que visava o traficante. Manero terá percebido que estava a ser investigado e terá abortado o desembarque em Portugal de 500 quilos de cocaína oriunda da América do Sul.

Isso não mudou nem quando Margarida Cunha apresentou queixa às autoridades por agressões e ameaças e depois revelou à própria UNCTE que o antigo companheiro era traficante de droga e corrompia há anos Dias Santos. Pagar-lhe-ia uma avença de 1.000 euros mensais em troca de informações.

As denúncias arrastaram-se e os processos foram incluídos no inquérito iniciado após a denúncia de António Benvinda. A investigação terá detectado uma série de correspondências de movimentos nas análises fei-

Sábado

21-04-2016

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

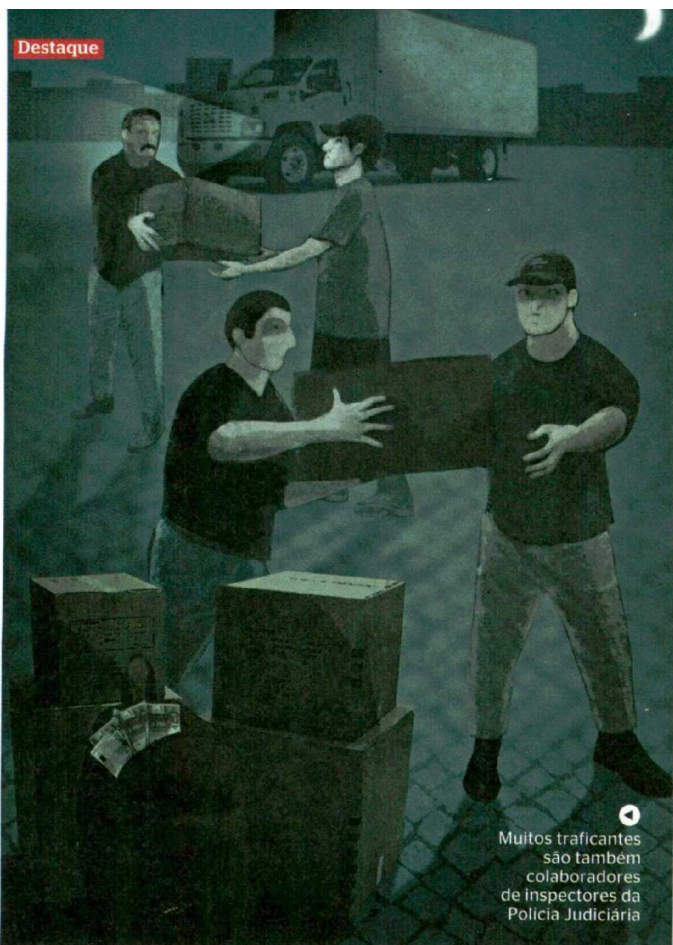
Tiragem: 116250

Temática: Justiça

Dimensão: 6522

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/38 a 52



Destaque

Muitos traficantes são também colaboradores de inspetores da Polícia Judiciária

tas às contas bancárias de Manero e Dias Santos. Por exemplo, o antigo polícia terá feito depósitos bancários em numerário no valor de cerca de 19 mil euros (entre 2001 e 2007). Os investigadores fazem ainda referência a outras três operações feitas em finais de 2006 pelo então coordenador da PJ que atingiram 260 mil euros e que, aparentemente, não teriam justificação.

O ex-inspetor garantiu às autoridades que o dinheiro provinha da venda de um imóvel que tinha em Espanha por 250 mil euros. Mas na resposta que deu à carta rogatória enviada para o país vizinho, a compradora garantiu que o imóvel foi adquirido por 126 mil euros. Fonte próxima de Dias Santos disse à **SÁBADO** que o apartamento "foi escriturado por um valor e vendido por outro".

As suspeitas sobre Dias Santos estendem-se ainda à sua alegada ligação à rede de tráfico liderada por Franclim Pereira Lobo. Aquele que já foi considerado o maior traficante português (ver caixa) só não terá sido detido no âmbito deste inquérito porque as autoridades não o conseguiram localizar. Inspectores da Polícia Judiciária tê-lo-ão procurado em Espanha e suspeitam que ele poderá estar agora em Marrocos.

O "ajuntador de notas" e a "mitragem"

Para o Ministério Público, a ligação entre Dias Santos e Franclim Lobo seria feita através de Carlos Gregório, o tal vizinho e amigo do antigo coordenador da Polícia Judiciária. Para o comprovar, os magistrados do DCIAP sustentam-se na gravação de um encontro entre Carlos

O Lobo mais procurado

A PJ anda atrás daquele que acredita ser um dos maiores traficantes portugueses

Franclim Pereira Lobo tornou-se quase um mito desde que na madrugada de 16 de Outubro de 1999 fugiu de um hotel do centro de Lisboa onde era vigiado por dois agentes da Judiciária. Os inspetores acreditavam que ele os estava a ajudar a apanhar duas toneladas de cocaína. Mas quando apanhou uma aberta, fugiu por uma janela. **Em 2000 foi condenado à revelia a 25 anos de cadeia por tráfico de droga - mas o processo foi repetido e Lobo absolvido.** Agora volta a ser suspeito: as autoridades acreditam que terá ligações a Ricardo Macedo. Os inspetores procuraram-no em Espanha e pensam que poderá estar em Marrocos, de onde é a mulher.



Gregório e António Benvinda na Pastelaria do Restelo, em Lisboa, em Fevereiro de 2014. Sem saber que estava a ser gravado, Gregório terá assumido saber das duas operações de tráfico investigadas neste inquérito: a do contentor de ananases, em que terão participado Dias Santos, Ricardo Macedo e o próprio Benvinda e a primeiro carregamento dos contentores de bananas com Manuel Batista, Pedro Lérias e Ricardo Macedo.

O inspetor-chefe é também suspeito de se servir do amigo e cabo da Guarda Nacional Republicana, José Silva, para dissimular património. Perante Carlos Alexandre, o militar não conseguiu justificar a proveniência de 80 mil euros – disse ter uma "paixão" como "ajuntador de notas" –, não explicou o porquê de ter tratado da reserva e pago a viagem do inspetor e da mulher a Cuba, nem o facto de deixar Ricardo Macedo utilizar o seu telemóvel para algumas conversas.

Numa das poucas escutas em que terá sido apanhado directamente, Macedo foi gravado a dizer uma frase comprometedor a um traficante referenciado, Joaquim Henriques. Admitiu que no passado ajudara a "mitragem" e que isso lhe tinha dado problemas. Por isso, afirmou, passou a falar apenas com um ou dois: "Desde que dê para comer e para um gajo viver... chega bem", terá dito.

Os inspetores vigiaram também o colega e o militar da GNR a almoçar em A dos Cunhados com Vítor Leocádio, um conhecido traficante do norte. Outro detalhe importante para os investigadores: entre 2012 e 2013 Ricardo Macedo não fez qualquer levantamento ATM da sua conta ordenado. Só o terá começado a fazer em 2014 depois de saber da denúncia de Benvinda. A mesma que levou agora Carlos Alexandre a escrever: "Há muito por esclarecer neste lamaçal, mas de certeza que não são só coincidências." ■

O amigo Anão

Antes de ser baleado, o traficante terá ajudado a Judiciária a resolver dezenas de casos

UM DOS DETIDOS, DIAS SANTOS, FOI O POLÍCIA QUE PRENDEU O TRAFICANTE FRANCLIM LOBO